

SEMINÁRIO DE PESQUISA NEC 2023

11-12 abr.

NÚCLEO DE ESTUDOS DE ESPACIALIDADES CONTEMPORÂNEAS | NEC.IAU.USP



DESVENDANDO O ESPAÇO PÚBLICO DISPUTAS E CONSTRUÇÕES DE NOVAS TERRITORIALIDADES

BENATTI, Nayara; nay.benatti@usp.br; IAU-USP

Pesquisa de doutorado, orientada pelo Prof Dr David Sperling

Iniciado em agosto de 2019

Apresentação

A pesquisa investiga o espaço público contemporâneo considerando disputas dissensuais relacionadas às suas dinâmicas de uso e ocupação por grupos sociais que reivindicam a construção de novas territorialidades enquanto espaço de encontro e interação entre as pessoas. Os contextos analisados são as ocupações da Avenida Paulista, em São Paulo, e casos a serem mapeados de ruas alemães em disputa por novas lógicas de uso com práticas de ocupação e modos de ressignificação de ruas.

Objetivos

O objetivo é mapear modos de ocupação dos espaços públicos em uma perspectiva democrática e participativa na construção das cidades atuais. Utiliza-se metodologias etnográficas e cartográficas para mapear como as pessoas agem, compartilham e se posicionam ideologicamente em relação a esses espaços no cotidiano, e como desencadeiam uma série de disputas políticas e culturais na construção de narrativas sobre o uso dos espaços públicos. Organiza-se, portanto, nos seguintes eixos de análise:

1. Discutir a concepção de espaço público e participação social, identificando limites e possibilidades para a democratização do uso dos espaços públicos;
2. Investigar novos modelos de urbanismo e práticas urbanas que resgatam a cidade como espaço de encontro e interação entre as pessoas, considerando as demandas simbólicas, culturais e identitárias da sociedade;

Metodologias para leitura do espaço

A pesquisa etnográfica foi selecionada por oferecer ferramentas analíticas para compreender práticas, categorias e experiências da produção urbana a partir de um conjunto de relações presentes no campo. Essas relações apresentam dimensões ora consensuais, ora tencionando dissensos que se manifestam nas disputas pelo uso do espaço urbano, como é nosso contexto da pesquisa. Pela etnografia, é possível acessar práticas cotidianas que muitas vezes passam despercebidas, contribuindo para uma compreensão mais complexa e sensível do cenário de pesquisa.

Essa escolha passa também pela inserção da própria pesquisadora em campo, na observação, na participação e nos vínculos que o trabalho de campo pode acionar; trata do afetamento e envolvimento do pesquisador, não na chave da empatia, mas sim por buscar "representar ou imaginar o que significa estar naquele lugar", criando uma dinâmica entre objeto e pesquisador na busca por um conjunto de códigos que possam descrever o que está sendo percebido em campo, implicados, portanto, no ato e nos acontecimentos da pesquisa.

Neste processo, a etnografia traz também o desafio na forma com que ela é apresentada, em termos de linguagem, de escrita, de estrutura, de tempo dedicado ao campo; o que as inserções etnográficas podem produzir e o desafio de encontrar formas de descrever a respeito do tema tratado nesta produção de conhecimento.

Assim como a etnografia exige constante atenção do etnógrafo para perceber e estabelecer eixos analíticos, o diálogo com outros etnógrafos também permite atravessamos a respeito do horizonte da etnografia na cidade, em que a partir de seus diferentes objetos de pesquisa, podem compartilhar questionamentos metodológicos, técnicos e sociopolíticos.

O campo mesmo, na etnografia, não é visto apenas como como cenário das práticas estudadas pelas suas representações e dinâmicas sociais, mas também enquanto elemento dos contextos que se articulam e configuram o desenvolvimento das realidades pesquisadas, exigindo constantemente a revisão das categorias analíticas e conceitos que são acionados para compreendê-los.

Exemplo de Caderno de Campo Manhã de sábado na Paulista, janeiro de 2023

A Avenida começa a de fato acordar a partir das 10h, ainda lentamente. Antes disso, alguns carros, seguranças, um ou outro trabalhador chegando em seus postos de trabalho,

poucos pedestres. A partir das 10h30 os vendedores ambulantes começam a montar suas barraquinhas, sem muita pressa.

Bem em frente ao Center 3 chega o Elvis da Paulista, músico tradicional que se apresenta naquele mesmo ponto. Essa figura me instiga há anos, mas a gente nunca conversou. Ele veio todo de branco com terno de gola alta, calça justa, muito brilho e um topete alto, bem a *la* Elvis Presley. Rapidamente coloca a caixa de som no chão, pluga o microfone, faz uns dois "alô alô som" e começa seu show. O som está com uma qualidade péssima e um ruído constante que entra no cérebro da gente como se viesse direto de dentro da nossa cabeça. Fico esperando que ele vá arrumar, plugar e desplugar alguma coisa, baixar o volume do microfone ou do violão, mas nada, aquele ruído se manteve ao longo de todo o período em que ele ficou por lá, bastante irritante, mas em meio a tantos outros sons, depois de um tempo o ruído passa despercebido. Elvis da Paulista tem um setlist bastante eclético: foi de Skank, Jota Quest, Harry Styles, passando, claro, pelo Elvis, Elton John e seguiu. Tocava algumas músicas, parava um pouco para tomar água, arrumava o cabelo, e continuava seu show, mas as pessoas passavam por ele sem dar muita atenção. Neste dia ele não fez nenhuma grande encenação, com as danças típicas do Elvis, ele estava na verdade menos Elvis e mais um músico voz e violão que costumamos ver a noite em barzinhos.

Outras vezes que vi o Elvis da Paulista em cena, ele colocava um tapete com o desenho das estrelas da calçada da fama hollywoodiana e fazia um show de covers do Elvis Presley com dança e charme, a caixinha na frente do palco para receber gorjetas e algumas pessoas paravam para assistir. Outro fato interessante deste músico é que ele está sempre no mesmo lugar, o que é curioso, por ser um espaço importante logo em frente ao Center 3, me questiono se não há disputa por espaços tanto entre artistas quanto entre os vendedores - pergunta para uma próxima ida à campo.

Ao redor do Elvis tem várias mesas e lençóis no chão com produtos artesanais à venda, e atrás dele uma grande fileira de bicicletas do Itaú para locação. Essa quantidade de bicicletas colocadas neste local é algo recente e perceptível não apenas na Paulista, mas também em outras regiões que passei. O sistema de empréstimo de bicicletas aumentou consideravelmente nos últimos anos, o que pode ser explicado com o também aumento das ciclofaixas no centro da cidade, especialmente nas regiões mais ricas - centro expandido e zona oeste.

Os ciclistas surgem nas dinâmicas da cidade enquanto um novo transporte, mas também como uma nova categoria de assaltos. A cena abaixo se repetiu diversas vezes em diferentes bairros e ruas pelas quais circulei: uma pessoa na calçada falando no celular, ou fotografando algo, chega um funcionário da loja mais próxima (vendedor,

segurança) e fala para a pessoa 'melhor não dar bobeira hein, os caras passam de bicicleta, tomam seu celular e você nem vê, não quer entrar na loja e falar daqui de dentro?'

Vi esse tipo de diálogo acontecendo várias e várias vezes, e passei a notar (e agir) com receio a cada vez que um ciclista passava pela calçada ao invés de estarem do outro lado da rua, onde as ciclovias estão marcadas na cor vermelha, no meio da Avenida. Essa insegurança constante me inibiu de tirar mais fotos durante minhas caminhadas e percebi nas conversas com amigos que moram na cidade um aumento bastante significativo do medo da violência que está ainda mais presente em seus cotidianos.

REFERÊNCIAS

FELTRAN, G. S.. Diário intensivo: a questão do 'adolescente em conflito com a lei', em contexto. Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade, v. 1, p. 01-44, 2011.

JACQUES, Paula B. Errâncias urbanas: a arte de andar pela cidade. 2005

MASSEY, Doreen. Pelo espaço: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312 p.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). Pistas do método da cartografia: pesquisa- intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PEREC, Georges. Tentativa de Esgotamento de um Local Parisiense. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SMITHSON, Robert. Um passeio pelos monumentos de Passaic, Nova Jersey. In: LINS, Daniel; MONTEIRO, Ana Maria (Org.). Arte Conceitual. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 124-129.

RIZEK, C. S. Etnografias urbanas: cultura e cidade de dentro e de perto. Redobra, v. no, n. 12, p. 19-24, 2013

WACQUANT, Loïc. Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro. Relume Dumará, 2002.

WHYTE, Willian Foote. Sociedade de Esquina. Rio de Janeiro. Zahar.